

## **A propósito da exposição de Luis Brilhante**

Comparar o exercício abstracto à música é coisa já tão inevitável como antiga. Ao falar-se de pintura abstracta, quando esta ainda era uma novidade, muitos comentários emergiram de vários autores. Queriam estabelecer os mais diversos paralelos possíveis entre sons e imagens. Um deles era Cheney Sheldom. Acerca da música deu um exemplo que ainda parece merecer a nossa atenção, apesar de passado tantos anos. Falava das composições de sons, directamente reproduzidos da natureza, como o som de rugido do leão, ou a trovoadas. Dizia Cheney, estes sons iriam decerto provocar aos ouvidos de qualquer um a sensação desagradável, a rascar o piroso. Nisso foi Bach grande, acreditava Cheney, porque demonstrou que a música elevada podia ser também criação arbitrariamente outra, divorciada de qualquer coisa que fizesse alusão objectiva à natureza.

Furtar-se à natureza objectiva foi um dos princípios base que acompanhou a primeira metade do século xx, a ambição artística resvalava para a criação absoluta, "para a cristalização de fragmentos de beleza e ordem", dizia. Unidades cósmicas, princípios que anteriormente permaneciam ocultos, relevavam em pinturas que eram determinadas unicamente e de modo físico pela natureza dos seus meios e materiais, em superfícies planas, cores dinâmicas... um universo em ponto pequeno, segundo Cheney, ainda assim exibindo as leis originais da criação, a um ritmo celestial. Mas o artista motivado pelo que é representativamente abstracto não podia evitar a realidade e as condições do seu tempo, ou acabaria por ser engolido por ela. As condições do nosso tempo são cada vez mais pressionadas pelo domínio imaterial, as não-coisas disparam, em todas as direcções e dirigem-se para local incerto, as pinturas electrónicas "impresas" em ecrãs de televisão por vezes gigantes, outras vezes pequenos plasmas, não deixam margem para dúvidas, os suportes da pintura são invariavelmente outros, são impossíveis de apreender e exigem descodificações várias. São realidades líquidas e era Toyo Ito quem nos dizia, as fronteiras são mais complexas e fluídas agora, mundo ambíguo, nas suas palavras, não se sabe até onde se estendem. À medida que se entra no seu mundo incorpóreo, vai-se sucessivamente unindo a outro mundo, como se estivesse a envolver os pés, e isto subtilmente, numa língua de água. Ali, a um passo do analógico e a outro do digital, simultaneamente. Mais para lá, no alto mar digital, os perigos estão em vias de se tornar globais, a homogeneizar-se; qualquer erro, ou acidente transformar-se-á em coisa geral, à escala mundial. - Carla Oliveira.